

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JULIANE DAVILA E PAIVA

**CONCEPÇÕES DE LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE: PENSAR
E AGIR COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Alegrete

2023

JULIANE DAVILA E PAIVA

**CONCEPÇÕES DE LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE: PENSAR
E AGIR COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Gonçalves dos Santos do Canto

Alegrete

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P149C Paiva, Juliane Dávila e
Concepções de Leitura e Escrita na Contemporaneidade:
Pensar e Agir com as Tecnologias Digitais / Juliane Dávila e
Paiva.
31 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2023.
"Orientação: Camila Gonçalves dos Santos do Canto".

1. Escrita. 2. Leitura. 3. Tecnologias Digitais. 4. Cultura
Digital. 5. BNCC. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

JULIANE DAVILA E PAIVA

CONCEPÇÕES DE LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE: PENSAR E AGIR COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, modalidade a distância da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de julho de 2023.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Camila Gonçalves dos Santos do Canto
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Camerini Corrêa Pérez
(UNIPAMPA)

Profª. Drª. Juliana Brandão Machado
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2023, às 23:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMENHI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/07/2023, às 22:18, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_documento.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1187875 e o código CRC BAC9CA4E.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

“Há muito mais entre um professor e um computador do que poderia sonhar nossa vã filosofia.”

Ana Elisa Ribeiro

RESUMO

A leitura e a escrita passaram por muitas transformações ao longo do tempo. Das paredes às telas digitais, o modo de ler e escrever vem se transformando junto com o avanço da tecnologia. A escrita, atualmente, pode ser realizada em ambientes digitais de diversos formatos: *blogs*, redes sociais, escritas compartilhadas a exemplo do ambiente Wiki, entre outros. Quanto a leitura, ainda nos ambientes digitais, é possível ler de maneira linear e não linear, desde que haja um link que direcione o leitor para outros textos que possuam informações relacionadas ao que está sendo lido. Este trabalho, qualitativo de cunho bibliográfico, é analisar a ocorrência da leitura e da escrita na era digital a partir do referencial teórico estabelecido, assim como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação brasileira. A partir da discussão realizada, observou-se que as práticas de leitura e escrita mantêm certa aproximação entre analógico e digital, diferenciando-se a depender da perspectiva tomada sobre ler e escrever.

Palavras-Chave: Escrita, Leitura, Tecnologias digitais, Cultura digital, BNCC.

RESUMEN

La lectura y la escritura han sufrido muchas transformaciones a lo largo del tiempo. De las paredes a las pantallas digitales, la forma de leer y escribir ha ido cambiando junto con el avance de la tecnología. La escritura, actualmente, se puede realizar en entornos digitales de diferentes formatos: blogs, redes sociales, escrituras compartidas como el entorno Wiki, entre otros. En cuanto a la lectura, incluso en entornos digitales, es posible leer de forma lineal y no lineal, siempre que exista un enlace que dirija al lector a otros textos que tengan información relacionada con lo que se está leyendo. Este trabajo bibliográfico cualitativo tiene como objetivo analizar la ocurrencia de la lectura y la escritura en la era digital a partir del referencial teórico establecido, así como de la Base Curricular Común Nacional (BNCC), documento que orienta la educación brasileña. De la discusión realizada se observó que las prácticas de lectura y escritura mantienen cierta aproximación entre lo analógico y lo digital, diferenciándose según la perspectiva que se tenga sobre la lectura y la escritura.

Palabras clave: Escritura, Lectura, Tecnologías digitales, Cultura digital, BNCC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A evolução da escrita.....	23
---------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Seis elementos para pensar e agir com as tecnologias digitais Ribeiro (2018).....	27
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

p. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

TDIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

HTML - Hypertext Markup Language

HTTP - HyperText Transfer Protocol

XML - e**X**tensible **M**arkup **L**anguage

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CONCEPÇÃO DE ESCRITA E LEITURA	15
2.1	A escrita e sua pluralidade.....	15
2.2	A leitura e sua pluralidade.....	17
3	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	19
4	LEITURA, ESCRITA E TECNOLOGIAS DIGITAIS.....	21
4.1	Lendo em ambiente digital.....	23
4.2	Escrevendo em ambiente digital.....	25
5	PENSAR E AGIR NO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA LEITURA E ESCRITA.....	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A escrita faz parte de nossas vidas há muito tempo, desenvolvida e sistematizada pelos Sumérios na Mesopotâmia, seu primeiro registro foi chamado de cuneiforme. Kato (1999) refere que os sumérios registravam suas transações comerciais em pequenas contas de barros, atividade que pode ser considerada precursora da escrita que temos hoje. De lá para cá, usamos a escrita para os diversos tipos de comunicação. Hoje, ela está presente em nossas vidas de forma constante e corriqueira porque somos solicitados a produzir variados textos em diferentes situações comunicacionais, desde bilhetes até trabalhos acadêmicos como este, por exemplo.

Segundo Koch e Elias (2011) a escrita é uma atividade de natureza variada, pois envolve diversos aspectos, tais como: linguísticos, cognitivos, pragmáticos, sócio-histórico e cultural. Por envolver os aspectos citados, é que se pode considerar a escrita como um ato complexo, apesar de ocorrer de maneira quase involuntária em nosso cotidiano, aparentando ser um ato simples.

Andando de mãos dadas com a escrita temos a leitura, outro conceito de natureza complexa com aparência de simplicidade. As mesmas autoras citadas anteriormente nos dizem que a leitura pode ser conceituada a depender da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido a ser adotada. Neste trabalho, a concepção em foco está na interação autor-texto-leitor considerando a leitura como uma atividade de produção de sentido.

Nos dias atuais, com o advento das tecnologias digitais, a leitura e a escrita também passaram por transformações, saindo do papel e encontrando espaço nas telas de celulares, computadores, *tablets* ou outros dispositivos onde é possível ler e escrever em ambiente digital. Essa mudança faz parte da evolução da cultura humana e conforme nos diz Ribeiro (2018) a cultura escrita é abrangente, ajustando-se às exigências das práticas sociais e evoluindo em caráter técnico e tecnológico. Pode-se atribuir à leitura, embora não seja mencionada pela autora nesse trecho de sua obra, a mesma evolução em caráter social, técnico e tecnológico da escrita, visto que o ato de ler está ligado ao ato de escrever no tocante à evolução desses processos.

Pensando na educação brasileira, é impossível não mencionar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador e referencial para as redes de

ensino públicas e privadas na construção do currículo e das propostas pedagógicas para a educação básica. É importante saber e destacar como a BNCC conceitua leitura e escrita no âmbito digital e qual a extensão desses conceitos na sala de aula, uma vez que o documento requer dos estudantes, tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio “vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias” (BRASIL, 2018, p. 485).

Com base na temática aqui apresentada, pensou-se na seguinte pergunta: Qual o conceito de leitura e escrita na contemporaneidade e como ocorrem suas práticas a partir do uso das tecnologias? Para responder a essa pergunta traçou-se objetivos gerais e específicos que dão um norte a ser seguido no decorrer deste trabalho.

A proposta metodológica deste trabalho é qualitativa, isto é, o estudo aqui realizado aprofunda-se no universo dos significados e das relações humanas ligadas com o tema da pesquisa, que não pode ser quantificado, tendo em vista as motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes aqui empreendidas (MINAYO, 2014). Ademais, a pesquisa realizada neste trabalho apresenta as características da pesquisa bibliográfica porque baseia-se no que já está publicado anteriormente, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2002).

O objetivo geral desta pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, é analisar a ocorrência da leitura e da escrita na era digital a partir do referencial teórico estabelecido, assim como na BNCC. A partir do objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: descrever os conceitos primordiais de leitura e escrita comparando-os com seus conceitos atuais, considerando a ampliação conceitual na era digital. Verificar, no âmbito da cultura digital, a leitura e a escrita na perspectiva do documento oficial que regem a educação brasileira e apresentar possíveis usos das tecnologias digitais nas práticas de leitura e escrita considerando os seis elementos apontados por Ribeiro (2018) para se pensar e agir nas aulas, quais sejam: vontade de aprender; usar; relacionar; experimentar; avaliar e gestão do tempo de trabalho.

Este trabalho está dividido em 5 seções, para além da introdução e considerações finais. Com o intuito de responder aos objetivos traçados, a primeira seção intitulada Concepção de leitura e escrita busca traçar um panorama dos conceitos de leitura e escrita a partir de seus conceitos primordiais embasado em Koch e Elias (2011), Kato (1999) e Leffa (1996). A segunda seção apresenta breves considerações sobre a abordagem de leitura e escrita na Base Nacional Comum

Curricular. Já a terceira seção aborda a leitura e escrita no contexto digital e traz como referência Ribeiro (2018), Ribeiro e Coscarelli (2023) e Santaella (2001). Na última seção apresenta-se os possíveis usos das tecnologias digitais embasado nos seis elementos elencados por Ribeiro (2018) para se pensar e agir nas aulas, quais sejam: vontade de aprender; usar; relacionar; experimentar; avaliar e gestão do tempo de trabalho.

2 CONCEPÇÃO DE ESCRITA E LEITURA

Esta seção tem por objetivo abordar os conceitos de leitura e escrita diante de suas pluralidades, sem esgotar o tema e tampouco limitá-lo. A intenção aqui é demonstrar por quais perspectivas esses conceitos foram abordados.

2.1 A escrita e sua pluralidade

A escrita é uma das tantas formas que usamos na nossa comunicação. Através dela podemos pedir, responder, orientar, contar histórias, falar sobre a própria língua etc., enfim, podemos escrever uma infinidade de textos a depender da nossa intenção.

Para tanto, utilizamo-nos dos sinais gráficos alfabéticos, do léxico e da gramática que dispomos para construir uma escrita que faça sentido. Esses sinais não são usados de forma desordenada e aleatória, fazemos uso de uma sequência alfabética organizada de acordo com a nossa ortografia para construir uma palavra e evoluímos para a elaboração de uma frase ou oração, resultando em uma junção de palavras que unidas transmitem uma mensagem inteligível.

Também podemos pensar na escrita como a materialização da fala porque tudo o que falamos pode ser transcrito, ou seja, pode passar da oralidade para a escrita se assim o quisermos. Nas palavras de Kato (1999) “as modalidades oral e escrita da linguagem apresentam uma isomorfia parcial, porque fazem a seleção a partir do mesmo sistema gramatical e podem expressar as mesmas intenções”. O que a autora nos diz aqui é que é perfeitamente possível escrever o que falamos visto que a fala possui semelhanças com a escrita, podendo esta ser mutável a depender do contexto.

Ademais, sobre o uso da fala e da escrita, a autora apresenta algumas diferenças que valem a pena serem transcritas aqui:

Podemos resumir algumas dessas condições: a) a escrita é menos dependente do contexto situacional; b) a escrita permite um planejamento verbal mais cuidadoso; c) a escrita é mais sujeita a condições prescritivas; d) a escrita é um produto permanente (KATO, 1999, p.31).

Contudo, para que a escrita seja compreensível, lançamos mão como escritores (e como falantes também) de dois recursos imprescindíveis para a inteligibilidade de nossos textos: a coesão e a coerência. A coesão, segundo Kato

(1999) é um recurso que gera vínculos entre as construções linguísticas, dando às frases uma organização. Já a coerência, é um recurso de sentido, que torna o texto lógico e harmônico, ligando fatos e ideias.

Definir um único conceito para a escrita é tarefa impossível. Como dito antes, a escrita toma determinado conceito a partir da perspectiva que a vemos. Aqui, o objetivo é conceituar de maneira não tão aprofundada, buscando mostrar que, apesar da complexidade na definição do ato de escrever, a prática da escrita é cotidiana, natural e espontânea.

Em Koch e Elias (2011) a definição de escrita aparece acompanhada do enfoque dado a partir da língua, do escritor e na interação. As autoras apresentam essa divisão na tentativa de fragmentar o conceito de escrita diante de sua pluralidade.

No tocante ao foco na língua, Koch e Elias (2011) definem a escrita como um sistema pronto e acabado da linguagem, “devendo o escritor se apropriar desse e de suas regras” para escrever. A escrita, portanto, é apenas um produto resultante da linguagem que foi codificada pelo escritor e deve ser decodificada pelo leitor para sua compreensão, não havendo lugar para interpretações nas entrelinhas.

Por outro lado, quando o foco está no escritor, entendem as autoras que a escrita ocorre de si para si, ou seja, do escritor para o escritor, porque nessa perspectiva é uma atividade na qual o escritor expressa seus pensamentos e ideias e deseja que o leitor assim o interprete.

Quando o foco da escrita se debruça na interação, o escritor pensa no conteúdo da própria escrita e pensa também no leitor, escrevendo com intuito de interagir, dialogar, construir sentido com aquele que o lê. Por óbvio que o escritor, neste caso focado na interação, não conhece o seu leitor, mas o imagina e busca criar com ele um elo sedimentado no diálogo.

Nas palavras de Koch e Elias (2011, p.34) sobre a escrita com foco na interação:

Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio da interação.

Nessa lógica, autor e escritor estão em constante diálogo, numa relação de proximidade, e a escrita está aberta para uma sucessão de interpretações. Estas

interpretações dependem de diversos fatores, considerando a subjetividade dos sujeitos da interação, e a “mobilização de um vasto conjunto de conhecimento do escritor, o que inclui também o que este pressupõe ser do conhecimento do leitor” (KOCH; ELIAS, p. 32, 2011).

Definir a escrita não é tarefa fácil, mas o propósito aqui é ter um recorte de como a escrita pode ser entendida sob algumas perspectivas, sua evolução e chegada na era do digital.

2.2 A leitura e sua pluralidade

Como nos disse Paulo Freire (1989, p. 9), nosso educador por excelência, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Diante dessa famosa declaração, podemos concluir que ler está muito além da mera decodificação das palavras, exige do leitor mais do que a alfabetização, requer vivência, experiência, visão de mundo, considerando o leitor como sujeito do mundo e no mundo. Entretanto, afora a poesia de Freire, sem desconsiderá-la, o ato de ler é complexo e merece algumas considerações.

Assim como conceituar a escrita não é tarefa fácil, conceituar a leitura também não o é. De maneira bem simplória, o ato de ler compreende, além de outros, três processos básicos: decodificar, interpretar e compreender. Decodificar é converter o código lido em uma “tradução” que faça sentido. Por interpretar, pode-se dizer que é uma ação ligada ao descobrimento de sentido do que está sendo lido. Compreender é interpretar o que está sendo lido e mais, é dar significado maior ao que está posto como leitura, é fazer extrações implícitas do texto. A compreensão permite diálogo do leitor com o autor considerando o contexto.

Nessa perspectiva dialógica do leitor com o autor tendo o texto escrito de permeio, ocorre o que Koch e Elias (2021) nomeiam de interação autor-texto-leitor. Para as autoras, “os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto” (KOCH; ELIAS, 2021, p. 10). Temos, portanto, a leitura como uma ação que leva em consideração os sujeitos do ato de ler e suas peculiaridades, seus contextos sociais e o que já possuem de conhecimento sobre o mundo. É importante destacar que nessa perspectiva a interpretação e a atribuição de sentidos ao texto lido ocorre a partir do que está escrito, é evidente, mas também daquilo que o leitor tem capacidade

de extrair e significar para si.

Leffa (1996) conceitua a leitura sob outras perspectivas, mas sem se distanciar muito do que já foi exposto aqui, e divide o conceito em quatro abordagens, quais sejam: uma abordagem geral, duas abordagens específicas e uma abordagem conciliatória.

Na abordagem geral, a leitura está relacionada com a visão. Ler é olhar para algo, observar determinado objeto de maneira concreta e logo em seguida fazer interpretações dessa visão sob determinada óptica. A leitura, neste caso, é feita a partir daquilo que o leitor tem internalizado em si para refletir sobre que o leu/viu. Para Leffa (1996, p. 10) “ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra.”

A abordagem específica está dividida em duas partes: a leitura com extração de significado do texto e a leitura com atribuição de significados ao texto. Quanto a extração de significados, entende-se que o texto está completo, pleno de informações e que o leitor apenas as retira dali, num processo interpretativo rígido, ou seja, “a compreensão não comporta aproximações” (LEFFA, 1996, p.12). Nota-se que é uma leitura bem literal sem margens para outras interpretações, além do que está no corpo do texto. Já a segunda parte, a leitura como atribuição de significados, dá margem ao leitor para ir além do *corpus* textual, permitindo reflexões, interpretações, referências e compreensão. O leitor tem autonomia para significar o texto sem ficar amarrado a conceitos justos, podendo também, metaforicamente falando, tapar os buracos deixados pelo escritor. “A compreensão não é um produto final, acabado, mas um processo que se desenvolve no momento em que a leitura é realizada” (LEFFA, 1996, p.15).

Já na abordagem conciliatória da leitura, tem-se um terceiro elemento sendo levado em consideração. Além de extrair informações do texto e significá-las, ocorre a interação entre texto e leitor. Essa abordagem se aproxima das anteriores, mas também se diferencia porque traz algo que não foi mencionado até agora: a intenção de ler. Diz Leffa sobre a intenção (1996, p. 17):

Essa intenção poder ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto.

A intenção na leitura prende o leitor ao texto, gerando, por consequência, a compreensão – o terceiro elemento – e assim está formado o processo de interação

entre o texto e o leitor.

Por mais atributos que o conceito de leitura possa receber, haverá, antes de tudo, uma perspectiva que irá determinar como a leitura será vista, descrita, comparada, analisada etc. Mas podemos concluir que apesar da multiplicidade de conceitos que podem emergir, quatro itens estarão sempre incluídos nessas conceituações: o leitor, o texto, o autor e o contexto.

3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o mais recente documento normativo a ser seguido pelas escolas na constituição do currículo e do trabalho pedagógico. Nesse documento estão contidas as competências e os conhecimentos necessários que devem ser ofertados a todos os estudantes, seja na rede pública, seja na rede privada durante as etapas da educação básica. A leitura e escrita são mencionadas ao longo do documento tanto na área que abrange as linguagens quanto na seção referente aos objetos de conhecimento de língua portuguesa. Aqui, apresenta-se um pequeno recorte, sem a pretensão de aprofundamento, apenas para destacar o que este documento tão importante aborda sobre o tema deste trabalho.

Sobre a leitura, na BNCC ela é encontrada como eixo temático, isto é, está como uma ideia central que serve para originar trabalhos relacionados com o conteúdo do eixo. Para o Ensino Fundamental o documento traz o conceito de leitura da seguinte forma:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2018, p. 71).

Percebe-se, mesmo que diante da amplitude do conceito descrito no

documento, que a BNCC valoriza o princípio da interação entre o leitor e o texto, deixando espaço para que sejam feitas várias considerações sobre o ato de ler, permitindo a inserção de fatores interpretativos como conhecimentos prévios do leitor, o contexto e a visão de mundo, por exemplo.

Quanto à escrita, já na introdução da Base podemos ver o termo fazendo referência ao sistema alfabético, como objeto de apropriação dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2018, p. 61).

Mais adiante, ainda sobre o Ensino Fundamental, a escrita aparece destacada no eixo temático Produção de Textos, da seguinte forma:

O Eixo da Produção de Textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como, por exemplo, construir um álbum de personagens famosas, de heróis/heroínas ou de vilões ou vilãs; produzir um almanaque que retrate as práticas culturais da comunidade; narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica; comentar e indicar diferentes produções culturais por meio de resenhas ou de playlists comentadas; descrever, avaliar e recomendar (ou não) um game em uma resenha, gameplay ou vlog; escrever verbetes de curiosidades científicas; sistematizar dados de um estudo em um relatório ou relato multimidiático de campo; divulgar conhecimentos específicos por meio de um verbete de enciclopédia digital colaborativa; relatar fatos relevantes para a comunidade em notícias; cobrir acontecimentos ou levantar dados relevantes para a comunidade em uma reportagem; expressar posição em uma carta de leitor ou artigo de opinião; denunciar situações de desrespeito aos direitos por meio de fotorreportagem, fotodenúncia, poema, lambe-lambe, microrroteiro, dentre outros. (BRASIL, 2018, p. 78).

Nessa parte referente ao Ensino Fundamental, a escrita, assim como a leitura, apresenta-se na BNCC como instrumento que valoriza a interação entre sujeitos de maneira não descontextualizada de suas realidades e necessidades. A escrita aqui exposta em seu eixo temático comporta as diversas formas de interação permitindo que o escritor – o estudante, neste caso – faça uso da linguagem como sujeito social do ambiente escolar em consonância com o que mencionam Koch e Elias (2011).

Para o Ensino Médio, a BNCC não traz um conceito explícito de leitura e escrita, apenas faz menção ao que já foi exposto para o Ensino Fundamental e acrescenta

que neste nível, o ensino da leitura e da escrita deve ser incentivado como instrumento para o exercício da criticidade e da reflexão, oportunizando aos estudantes “vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias” (BRASIL, 2018, p. 485).

No entanto, nessa etapa do ensino, a BNCC se direciona muito mais para as abordagens que envolvem as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Isso não quer dizer que as TDICs não foram mencionadas nas outras etapas da educação básica, porém, na etapa do Ensino Médio a abordagem do assunto ganha mais evidência. No documento, a orientação está direcionada para práticas que envolvam os estudantes em atividades que demandam o uso de recursos digitais em várias áreas, justificada na relação intrínseca dos jovens com a tecnologia (BRASIL, 2018, p. 474). Ribeiro e Coscarelli (2023, p. 56) resumem bem a intenção da BNCC para com os estudantes: “esses jovens precisam ser bons navegadores, bons leitores e bons produtores de textos, também de natureza digital.”

Diante do que está na Base, nota-se que a leitura e a escrita adentram o digital com força perpassando todas as etapas da educação básica, exigindo que os sujeitos desse ambiente sejam capazes de praticar e desenvolver habilidades tecnológicas oriundas dos espaços virtuais.

4 LEITURA, ESCRITA E TECNOLOGIAS DIGITAIS

A evolução tecnológica tem nos proporcionado incontáveis avanços em diversas áreas. Porém, neste trabalho, o foco está na transformação da escrita e da leitura com o advento das tecnologias digitais.

A escrita, por si só, é considerada uma tecnologia desde sua origem. Das contas em barro dos sumérios, mencionadas por Kato (2009) passando pelo pergaminho, assim como pelo papiro e chegando na tão famosa prensa de Gutemberg conforme Ribeiro (2018), escrever se consolidou como uma necessidade social a julgar pela nossa história pregressa.

Para Ribeiro e Coscarelli (2023), a nossa escrita, considerando a construção alfabética que dispomos, é uma tecnologia que usa de vários recursos, por exemplo, caneta, papel, computador, etc. para sua execução, podendo circular em outros artefatos tecnológicos como livros, cadernos ou *blogs*.

A leitura, por sua vez, não é considerada uma tecnologia em si, mas é afetada pelo avanço tecnológico da escrita visto que são processos que caminham de mãos dadas já que o modo como escrevemos ou, até mesmo, o lugar no qual escrevemos muda o modo como lemos.

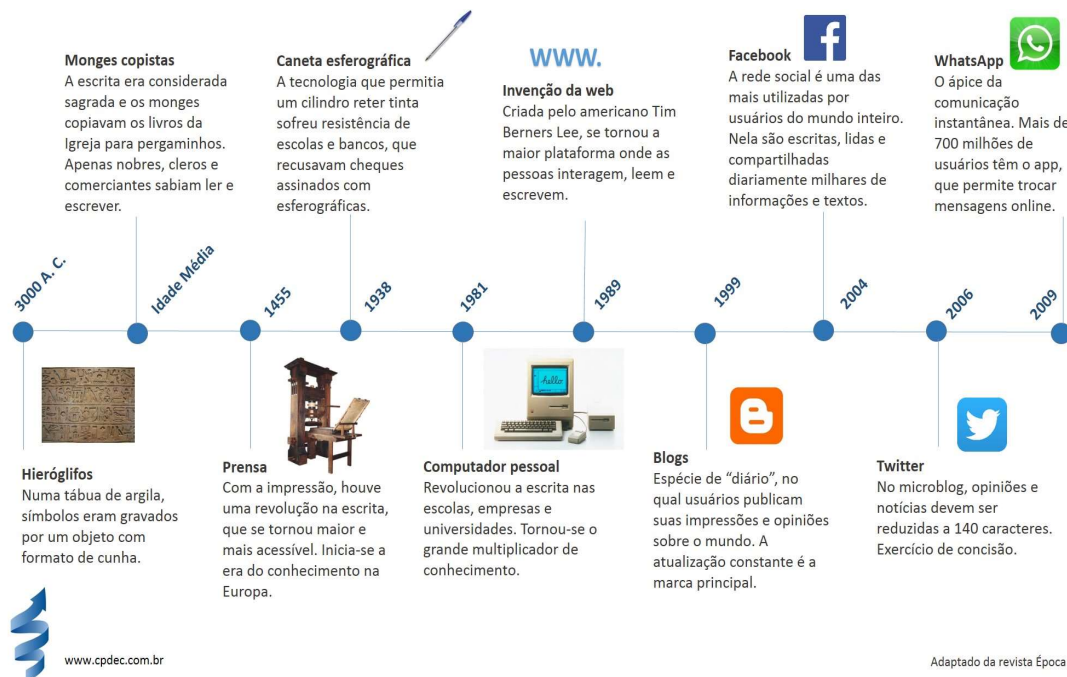
Essa afetação do modo como lemos pela maneira que escrevemos é resultante do que está se chamando de cultura digital. Ribeiro (2018) afirma que a cultura digital faz parte da cultura escrita e tem como característica marcante o novo modo de escrever que faz uso de aparelhos e máquinas diversos do que tínhamos antes da cibercultura. Vejamos:

O que a propicia é um novo modo de escrever, por meio de máquinas e de redes telemáticas, alterando letramentos e as relações das pessoas com o escrito, o texto, os formatos, as leituras, as formas de produção, publicação, edição, difusão e circulação de objetos de leitura (RIBEIRO, 2018, p. 13).

O termo cibercultura, cunhado por Lévy (2007), remete a uma ideia de cultura que cultua costumes, comportamentos e ações dentro de um espaço digital, modificando as relações humanas na contemporaneidade associada às tecnologias digitais. Essas modificações nas relações e nas práticas sociais afetam o modo como lemos e escrevemos, pois, nos é permitido agir, no sentido de receber e compartilhar conteúdos de maneira mais rápida e profusa por meio da rede. A rede aqui mencionada é conceituada por Lévy (2007, p.17) como sendo “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”.

Diante dessas transformações culturais pelas quais passamos todos, viu-se até aqui de maneira bem resumida, é verdade, que à medida que avançamos na evolução tecnológica adaptamos nossos costumes antes arcaicos e agora modernos, modificando a maneira como lemos, escrevemos, e navegamos – considerando os navios e a *internet* –, adequando-nos às práticas de leitura e escrita que a era digital possibilita.

Figura 1 - A evolução da escrita



Fonte: www.cpec.com.br

Na imagem acima temos um panorama, mesmo que breve, de como a escrita evoluiu até os dias de hoje e como essa evolução modificou o modo como lemos e escrevemos, isto é, como nos comunicamos. Observa-se, a partir da figura, que em um primeiro momento a escrita era fixa em tábuas ou paredes e hoje pode ser considerada ubíqua e instantânea, dado o avanço tecnológico que nos permite essa comunicabilidade em tempo real.

4.1 Lendo em ambiente digital

Nos constituímos leitores de uma maneira que podemos chamar de tradicional. Para ler, buscávamos (ou buscamos) um livro em uma biblioteca ou livraria, recorríamos primeiramente a capa e ao sumário ou a contracapa e assim tínhamos uma breve ideia sobre o que o exemplar tratava (pensando aqui nos livros, em um primeiro momento). Ribeiro e Coscarelli (2023, p.70) dizem que realizando esse ato de procura por uma leitura de forma tradicional garantimos uma “relativa estabilidade” sobre o que buscamos para ler. O que as autoras querem dizer é que lendo de maneira analógica essa é a busca mais comum que fazemos para selecionar ou não determinada leitura.

Em tempos de *Google*, o mais usado mecanismo de busca na *internet* segundo o *site* brasileiro Techtudo, a procura por leituras toma outra forma. Nesse buscador há uma barra com um espaço para que sejam depositados ali todos os questionamentos que o usuário do *site* define como pertinente para iniciar a sua procura. Então, se esquece momentaneamente da capa, e se volta para as informações listadas pelo *site*. Em paradoxo com a busca analógica tem-se, então, a busca digital e o leitor está livre para escolher o que vai ler e como vai ler diante do resultado de sua busca.

Entretanto, para que buscas analógicas e digitais sejam possíveis é preciso que o leitor tenha letramento, isto é, tenha capacidade e habilidade para realizar “práticas sociais de leitura e escrita” (RIBEIRO, 2018, p.27). Nesse contexto, pode-se dizer que para ler em ambiente digital, e escrever também, o leitor precisa de certa familiaridade com as tecnologias que dispõe, sejam elas analógicas ou digitais, e saber manuseá-las de acordo com suas necessidades. Portanto, é preciso que haja por parte do leitor letramento digital, ou seja, a capacidade de utilizar e compreender as tecnologias digitais em seu cotidiano com o objetivo de acrescentar melhorias em hábitos diários e rotineiros como bem exemplifica Moreira (2012).

Pensando na leitura, é imprescindível que o leitor tenha certa habitualidade com a multimodalidade dos textos que estão disponíveis no formato *on-line*, ou seja, exige que o leitor seja capaz de ler o que está em formato verbal e o que não está como imagens, gráficos, sons, etc. Ler no digital, não é como ler no analógico. A linearidade pode ser dispensada, a gosto do leitor, que detém autonomia e independência para percorrer o roteiro traçado para sua leitura, marcada por *hiperlinks* (ligações dentro do texto que permite a navegação para outras referências) ou outras informações não verbais.

Em textos multimodais, como dito anteriormente, encontram-se diferentes tipos de mídias, que compõem a leitura e servem para melhorar a interpretação do leitor diante do que está sendo lido. Esses elementos, hoje, podem compor os textos e devem ser processados pelos leitores como parte importante da produção de sentidos (RIBEIRO; COSCARELLI, 2023, p.65).

Vejamos alguns elementos que ajudam a compor a característica multimodal de um texto considerando que ele pode estar impresso ou em ambiente digital: vários elementos podem fazer parte de seu *layout*, como cores, fontes, animação, áudios, vídeos, entre outros (RIBEIRO; COSCARELLI, 2023, p.65).

Vê-se, portanto, que a multimodalidade dos textos é também uma característica do que está impresso. Entretanto, neste trabalho, a abordagem está dirigida para os textos multimodais que circulam nos espaços *on-line*.

Essa capacidade, mencionada pelas autoras, de ler figuras, sons ou vídeos, entre outras tantas possibilidades de mídias, é explicada pela semiótica, teoria que nos permite entender os estudos dos signos e os sentidos que atribuímos a eles enquanto os lemos. Ribeiro (2018, p.42) cita Peirce como semioticista de referência e chama de “semiótica peirciana” os estudos deste autor sobre os signos e seus sentidos.

Por conseguinte, percebe-se que o ato da leitura requer letramento por parte do leitor e se este estiver em ambiente digital deve fazer uso dos recursos que a cibercultura impõe e mostrar-se letrado digitalmente. Recuperando Koch e Elias (2011) e o princípio da interação autor-texto-leitor, acrescenta-se aqui algo a mais que deve ser considerado nessa característica digital da leitura: a capacidade do leitor de ir e vir diante de um texto *on-line* e de ler muito além do verbal, considerando toda sorte de mídias dispostas que provocam o leitor em sua busca de sentidos e significações.

4.2 Escrevendo em ambiente digita

A escrita em ambiente impresso ou em ambiente digital tem similaridades e diferenças. Para escrever no modo impresso precisa-se de papel, caneta ou tinta e da escrita em si, ou seja, da transcrição das palavras que habitam o mundo das ideias do escritor para o mundo concreto do papel (ou outro artefato equivalente onde seja possível escrever). Já em ambiente digital, acontece a mesma transcrição, contudo, a escrita é depositada em algum ambiente disponível no espaço digital.

Nesses espaços digitais para a escrita é possível acrescentar uma gama de recursos que não seriam comportados na modalidade impressa. A possibilidade, por exemplo, de adicionar mídias ou hiperlinks de acesso instantâneo e como essa adição é feita, já demonstra uma grande diferença do modo como escrevemos com recursos unicamente analógicos.

É bom ter em mente que, além do acesso aos equipamentos e recursos necessários a uma escrita mais intensamente multimodal, a produção desses textos demanda familiaridade com o uso de teclados, câmeras, gravadores e

editores de textos, áudios, de imagens, de vídeos, que vão permitir ao leitor construir e editar textos para melhor alcançar suas metas comunicativas (RIBEIRO; COSCARELLI, 2023, p. 65).

Outra questão que salta aos olhos dos escritores do ambiente digital é o gênero dos textos que podem ser escritos, a distribuição e as possibilidades de compartilhamento. A escolha do gênero pode influenciar no tipo de mídia escolhida, assim como também influencia no modo como o texto será compartilhado no ambiente digital e qual alcance irá atingir. Santaella (2001, p.4) menciona que a *internet* é ainda uma área “caótica e superabundante” que por estar em constante expansão é difícil mensurar como seu conteúdo é veiculado na rede.

Em suma, escrever no digital não se distancia de escrever no analógico, mas as construções textuais que são feitas no texto digital possibilitam uma navegação – para usar um termo cunhado pelo digital – muito mais ampla porque o escritor tem a possibilidade de conduzir o leitor conforme a maré digital, assim como o leitor pode escolher para qual direção irá conduzir o leme de sua leitura.

5 PENSAR E AGIR NO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA LEITURA E ESCRITA

Diante das mudanças do modo como lemos e escrevemos com o avanço tecnológico digital, é impensável deixar de considerar e mencionar aqui possíveis usos para práticas de leitura e escrita em ambientes digitais.

Com base nos seis elementos apontados por Ribeiro (2018) para pensar e agir em práticas de leitura e escrita em conformidade com as tecnologias digitais, apontam-se possibilidades factíveis com a realidade a partir de seis elementos elencados pela autora, quais sejam: vontade de aprender, usar, relacionar, experimentar, avaliar e gestão de tempo. Esses elementos estão relacionados diretamente com o professor já que a proposta feita pela autora é que as práticas sejam objetos de aula e toda aula tem um professor, mas servem também aos pesquisadores que queiram aprofundar seus estudos científicos ou a qualquer ser humano imerso nas tecnologias digitais.

Seis elementos para pensar e agir com as tecnologias digitais Ribeiro (2018)					
Vontade de aprender	Usar	Relacionar	Experimentar	Avaliar	Gestão de tempo

Fonte: Autora

Quanto ao primeiro elemento, Ribeiro (2018) menciona que a vontade de aprender decorre da curiosidade ou de uma imposição que não se pode mais evitar. Sendo assim, não é possível dizer, por enquanto, que práticas de leitura e escrita em ambientes digitais são inevitáveis atualmente. Porém, se formos levar em conta (e devemos) a BNCC essas práticas devem fazer parte do cotidiano das salas de aula para que os estudantes e os professores cumpram com o que está disposto no documento normativo. É de se considerar urgente que práticas de leitura e escrita no digital aconteçam nas aulas já que é uma das competências exigidas pela Base.

Sobre o segundo elemento, usar está ligado com a experiência de cada um. Um professor que usa das tecnologias tem mais segurança para aplicá-las, mas não é garantia de um bom trabalho. Conforme a autora, é importante que se tenha conhecimento de uma tecnologia para “pensá-la e repensá-la para a finalidade da sala de aula” (RIBEIRO, 2018, p. 109). Neste caso, não basta que o professor esteja diante de uma prática de leitura digital, repleta de imagens ou *hiperlinks*, ou promova uma escrita colaborativa a partir de uma ferramenta disponível *on-line*. É necessário que haja propósito e objetivo nessas práticas.

Relacionar, a terceira proposição da autora para o uso das tecnologias digitais, diz respeito ao emprego dessas tecnologias, aqui pensando na leitura e na escrita com o ensino e a aprendizagem. Ribeiro (2018) exemplifica que a aula de redação, tendo o texto como objeto central pode ser aproveitada pelo professor para acompanhar o processo da escrita em tempo real e pode ser aproveitada pelo aluno também, pois este pode interagir com os colegas trocando ideias, informações e referências.

Por experimentar, a autora traz o tempo como fator crucial. “Tempo de experiência é fundamental” (RIBEIRO, 2018, p. 110). Ser usuário de dispositivos ou aplicativos em ambientes digitais demanda tempo porque é preciso conhecê-los, familiarizar-se com eles, dominar algumas práticas, etc. Todos esses atos demandam

tempo dos usuários que, para repassar e replicar a experiência para os outros, precisa ser proficiente em práticas digitais desse porte.

Sobre o quinto elemento, avaliar, diz a autora tratar-se da pertinência do objeto para usá-lo em atividades no contexto da sala de aula. Neste caso, a avaliação está mais ligada ao professor do que aos alunos porque trabalhar com tecnologias digitais ou com qualquer outro recurso ou conteúdo é avaliar se a aula deu certo ou não, é “autoavaliação, a avaliação da própria aula” (RIBEIRO, 2018, p. 11). Se necessário é preciso corrigir ou melhorar o trabalho realizado.

Por fim, tem-se a gestão do tempo de trabalho, elemento em que a autora despende mais reflexão. Nesta abordagem, são trazidos aspectos que são de suma importância na hora de introduzir práticas de leitura e escrita, ou outras práticas a partir das tecnologias. Em lugar de ver suas atividades reduzidas ou equilibradas, pode ser que o uso das tecnologias digitais seja mal gerido, acarretando aumento de trabalho, maior exposição pessoal, conexão 24h e cobranças em qualquer dia e horário. (RIBEIRO, 2018, p.112).

É importante considerar que trabalhar com tecnologias digitais não é estar o tempo todo *on-line*, disponível aos alunos que também usam desses recursos. Por vezes, é possível confundir a contiguidade dessa fronteira entre o presencial e o *on-line* extrapolando os limites do trabalho pedagógico. Segundo a autora é vantajoso poder contar com tecnologias digitais para compor as aulas, mas deve-se pensar que esses avanços devem ser considerados para ajudar e não para prejudicar as práticas pedagógicas.

Práticas pedagógicas em ambientes digitais não são fáceis. Nenhuma prática deve ser considerada fácil ou banalizada quando o que está em jogo é o crescimento intelectual e pessoal dos estudantes. Como visto ao longo do capítulo, vários fatores devem ser considerados quanto ao uso das TDICs em sala de aula, principalmente em práticas de leitura e escrita, que são complexas e demandam uma gama de esforços e significações já expostos anteriormente.

O que vale mencionar é que essas práticas não podem deixar de ser desconsideradas, pois são exigências da era que vivemos entremeados pelo real e pelo virtual numa continuidade que, às vezes, fica difícil distinguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados dos anos 1990 minha tia, irmã de meu pai, foi demitida do banco Itaú. Parte de sua indenização pela rescisão do contrato de trabalho com o empregador foi quitada com a entrega de um computador de mesa chamado de 386 que pertencia ao banco. À época, minha tia não encontrou finalidade para o uso do Computador Pessoal (PC) recebido e destinou a máquina a mim e ao meu irmão mais novo para que “brincássemos”. Ela não imaginava, nem eu mesma imaginaria que começava ali minha imersão na cultura digital.

É verdade que naquela época eu não sabia muito bem o que fazer diante daquela máquina que não tinha conexão com nenhuma rede, apenas mantinha conexão com o seu usuário. Eu usava um programa (hoje renomeado para aplicativo) que permitia fazer desenhos e outras edições chamado Paint, jogava Prince of Persia e escrevia no Word pelo prazer do divertimento em usar diferentes fontes para escrever frases e textos que, às vezes, eu salvava em disquetes (os *pen-drives* de outrora). Estar diante de um PC não é fazer parte da cibercultura, mas é meio caminho andado.

E aí, de lá para cá, experimentei uma série de mudanças significativas proporcionadas pelo avanço tecnológico digital. Estar neste curso e escrever este trabalho de conclusão é um bom exemplo dessa evolução. Hoje, conforme Ribeiro (2018) estamos imersos nas tecnologias, às vezes por vontade própria, outras não, mas sempre impactados pelos avanços da sua utilização.

A partir dos objetivos propostos neste trabalho, que de maneira abrangente, porém recortada, propunham uma análise da escrita e da leitura, sua evolução conceitual dos primórdios até a contemporaneidade, conclui-se que ainda há muito a ser pesquisado. A leitura e a escrita também não ficaram de fora dos avanços tecnológicos como visto aqui. Hoje em dia é possível ler e escrever no digital, ir e vir durante uma leitura, ler imagens, sons, vídeos, figuras e outras mídias que estejam disponíveis para dar significado ao texto.

O que se tem de concreto é que definir leitura e escrita é um ato complexo, pois seu conceito dependerá de qual concepção o pesquisador irá tomar como ponto de partida para a pesquisa e que caminhos irá trilhar no decorrer de sua investigação. Neste trabalho, considerando o autor, o texto, o leitor e a relações de interação entre esses elementos, buscou-se compreender como a leitura e escrita chegaram até a

era das tecnologias digitais e como suas práticas acontecem a partir desse contexto, mostrando que apesar das diferenças entre analógico e digital, os conceitos de leitura e escrita dependem da perspectiva de quem está diante da tela ou do papel e de que modo irá conduzir suas práticas.

Quanto às práticas, é importante considerar os seis elementos apontados por Ribeiro (2018) na seção final deste trabalho porque eles servem de mote, ou como refere a autora, são uma espécie de caminho para que essas práticas que envolvam as tecnologias digitais não sejam mais do mesmo, isto é, não fiquem limitadas ao uso pelo uso. A proposta desses seis elementos é integrar usos e práticas de maneira significativa.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- KATO, Mary. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 7^a. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2021.
- LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra DC – Luzzato, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed.34, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed., Petrópolis: Vozes, 2001
- MOREIRA, Carla. **Letramento digital:** do conceito à prática. *In:* SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, VIII, Uberlândia, 2012.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje:** palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.
- RIBEIRO, Ana Elisa. COSCARELLI, Carla Viana. **Linguística aplicada:** ensino de português. São Paulo: Contexto, 2023.
- RIBEIRO, Daniel. **Melhor que Google? Veja nove sites de busca rivais com funções diferentes.** Techtudo, 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2019/02/melhor-que-google-veja-nove-sites-de-busca-rivais-com-funcoes-diferentes.ghhtml>>. Acesso em: 09 de jul. de 2023
- SANTAELLA, Lucia. **Novos Desafios da Comunicação.** Lumina, Rio de Janeiro, v. 4, p.1-10, jan/jun, 2001